

O problema *⁶ AGO 1989 será o Sarney?

*Luiz Carlos Barreto**

Ação expoliadora do regime colonial, no Brasil, em 389 anos de domínio, não foi tão criminosa quanto os 100 anos de regime republicano liderado e dirigido pelas elites deste país, que, sem pudor e sem piedade, submeteram e continuam submetendo o povo brasileiro a um massacre, um verdadeiro extermínio moral, físico e social.

Um dos maiores índices de mortalidade infantil — de cada 10 crianças nascidas, sete não chegam a completar 10 anos de idade; mais de dois terços da população vivendo em miséria absoluta, conforme atestam os indicadores sociais alarmantes nos campos da alimentação, saúde, habitação, saneamento básico, educação, emprego, renda familiar e *per capita*; regime feudal da propriedade da terra; enorme contingente das populações urbanas e rurais marginalizadas, determinando altos índices de criminalidade; febre inflacionária permanente; maior dívida externa do mundo; dívida interna fora de controle; sofisticado parque industrial, bolsões avançados de desenvolvimento científico e tecnológico; dinâmico sistema exportador de matérias-primas, manufaturados e produtos agrícolas; fabricante e exportador de armas e de craques de futebol; fornecedor de oxigênio e calor úmido para o mundo inteiro, que são jogados na atmosfera pela maior floresta tropical do planeta; oitava economia mundial à custa da fome, da miséria, da exploração e do massacre secular de seu povo.

Eis o retrato, a cara do Brasil neste final do século XX, limiar do século XXI.

Esta é a herança, o legado

que as elites políti-

cas, econômi-

cas, enfim, a clas-

se dominante e

dirigente, a mais

voraz, egocêntri-

ca e predatória

do mundo, dei-

xam para as gera-

ções futuras de

brasileiros.

É o resultado de um grande saqueamento, de

uma ação corrosiva permanente,

violenta, e talvez

sem igual na história da humani-

dade.

O descrédito, o desprestígio

das instituições básicas do regime

republicano e sua consequente

instabilidade são o resultado da

incompetência, da irresponsabili-

dade da classe dominante deste

país que nem sequer soube, ao

longo de um século, implantar um

regime capitalista verdadeiro, ba-

seado no mínimo de justiça so-

cial.

Nestes 100 anos de República, o que se desenvolveu foi um sistema pré-capitalista selvagem, cartorial e que parece querer institucionalizar-se para continuar o saque das riquezas nacionais, o massacre do povo.

Para se ter a prova concreta, a certeza de que tudo o que está dito acima não é obra de ficção, ou uma especulação pessimista, basta abrir os olhos, aguçar os ouvidos e viver o dia-a-dia das cidades e dos campos deste Brasil.

Ou melhor: ligue a televisão, o rádio, leia os jornais, as revistas, mergulhe de cabeça na comunicação de massa que, apesar de dominada por um restrito número de pessoas e grupos ligados ao sistema, enfim, aos interesses da classe dominante, não consegue sufocar, esconder ou censurar a realidade do cotidiano.

É só ver, ouvir e ler: meno-

res abandonados, assassinados,

no Rio, por grupos de extermi-

nio formados por jovens da clas-

se média alta, a pretexto de com-

bater a delinquência juvenil e

evitar a proliferação de futuros

assassinatos no primeiro trimes-

tre, no Rio de Janeiro, e quase

outro tanto em São Paulo, Belo

Horizonte, Recife, Salvador e

nas Zonas de conflitos de terra,

onde impera a lei do mais forte.

Assaltos nas ruas, nos ônibus,

nos táxis, nos trens, nos aparta-

mentos de luxo e mansões das

zonas ricas, onde a classe domi-

nante procura isolar-se e se pro-

teger atrás de altos muros, con-

domínios, sofisticados sistemas

eletrônicos de segurança, mas

que nada protegem, porque a

miséria e a luta pela difícil so-

brevivência atingem contingentes

cada vez maiores das po-

pulações urbanas e rurais.

As ondas de miseráveis fa-

mintos, doentes sem hospitais,

sem teto, sem trabalho, sem es-

colas, enfim, sem o mínimo di-

reito à vida, à cidadania, se mul-

tiplicam cada dia ante a

indiferença suicida da classe di-

rigente, apenas preocupada em

obter lucros fáceis e extraordiná-

rios, lícitos e ilícitos, levando

sempre vantagem, patrocinando

e espalhando a corrupção com

suas "caixas 2", pagando baixos

e miseráveis salários, sonegando

impostos, que possibilitariam ao

Estado investir nos programas

sociais, remetendo ilegalmente

dólares para suas contas nos pa-

raísos fiscais, em vez de reinves-

tar nos seus negócios, aumentan-

do a produção, criando

empregos, forjando um mercado

interno vigoroso, acreditando

no país.

A meta dessa classe domi-

nante sempre foi produzir pouco

e ganhar muito, no jogo de car-

tas marcadas da ciranda finan-

ceira. Investimento em pesquisa

científica e tecnológica, renova-

ção de equipamento industrial,

aumento da produção e redução

de custos, só com o dinheiro do

governo, na base de financiamen-

tos subsidiados. Os lucros coloca-

dos à parte, nas contas secretas

no exterior, numa repetição,

em escala maior, dos pro-

cedimentos coloniais quando

portugueses, holandeses, france-

ses, em tempos mais remotos, e

as multinacionais nos dias de hoje,

invadiram esta

nação e iniciaram sua devastação

através do sa-

queamento de

suas riquezas, deixando aqui

implantada uma

ordem social, polí-

tica e cultural

dominada por

seus representan-

tes, esta classe di-

rigente que não soube recom-

pensar e devolver ao seu povo o

que lhe é devido por méritos incontestáveis, dada a sua capa-

cidade quase sem limites de re-

sistir e de se superar na sua de-

terminação de vida, no trabalho,

na sua criatividade, na sua gene-

rosidade, no seu amor ao país,

na sua vontade e vocação para

ser feliz, e que cada vez mais vê

seus objetivos se frustrarem ante

a atitude exploradora dos neo-

colonizadores em que se trans-

formou a classe dominante bra-

sileira, instalada no ventre sujo

da inflação que ela cultiva com

esmerado zelo e dela se ceva co-

mo quem se serve dos restos de

um banquete servido há séculos.

Instalada que está uma no-

va ordem jurídica, liberdades

constitucionais asseguradas,

processo político em desenvolvi-

mento, debate aberto e livre,

aproveitemos a oportunidade

para uma reflexão profunda

esse respeito.

Ainda é tempo de fazer cor-

reções nos rumos dessa atitude

autofágica da nossa classe di-

rigente. E preciso definir o papel e

a prioridade do Estado brasileiro,

em função da solução dos reais e concretos problemas da

nação e do povo. Talvez as elei-

ções de novembro próximo sejam a última oportunidade his-

tórica que este povo concederá

à classe política, que sempre es-

teve a reboque e a serviço da

classe dominante, para mudar de lado e passar, definitivamente,

a defender os interesses da

sociedade, da nação, do povo.

Instalada que está uma no-

va ordem jurídica, liberdades

constitucionais asseguradas,

processo político em desenvolvi-

mento, debate aberto e livre,

aproveitemos a oportunidade

para uma reflexão profunda

esse respeito.

Ainda é tempo de fazer cor-

reções nos rumos dessa atitude

autofágica da nossa classe di-

rigente. E preciso definir o papel e

a prioridade do Estado brasileiro,

em função da solução dos reais e concretos problemas da

nação e do povo. Talvez as elei-

ções de novembro próximo sejam a última oportunidade his-

tórica que este povo concederá

à classe política, que sempre es-

teve a reboque e a serviço da

classe dominante, para mudar de lado e passar, definitivamente,

a defender os interesses da

sociedade, da nação, do povo.

Ainda é tempo de fazer cor-

reções nos rumos dessa atitude

autofágica da nossa classe di-

rigente. E preciso definir o papel e

a prioridade do Estado brasileiro,

em função da solução dos reais e concretos problemas da

nação e do povo. Talvez as elei-

ções de novembro próximo sejam a última oportunidade his-

tórica que este povo concederá

à classe política, que sempre es-

teve a reboque e a serviço da

classe dominante, para mudar de lado e passar, definitivamente,

a defender os interesses da

sociedade, da nação, do povo.

Ainda é tempo de fazer cor-

reções nos rumos dessa atitude

autofágica da nossa classe di-

rigente. E preciso definir o papel e

a prioridade do Estado brasileiro,

em função da solução dos reais e concretos problemas da

nação e do povo. Talvez as elei-

ções de novembro próximo sejam a última oportunidade his-

tórica que este povo concederá

à classe política, que sempre es-

teve a reboque e a serviço da

classe dominante, para mudar de lado e passar, definitivamente,